

Igreja apóia pacto de Sarney e pede mudança

Memélia Moreira

O pacto social proposto pelo presidente José Sarney já recebeu a adesão da Igreja. Dois dias depois da audiência de uma hora com Sarney, os três bispos que integram a presidência da CNBB aconselharam a sociedade a estabelecer um entendimento mútuo. No lugar da expressão "pacto social", o presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida prefere "mutirão da solidariedade". Ele rechaça a expressão original porque esta "é uma fórmula que pode ser ideologizada, pode parecer uma espécie de abre-te Sésamo".

Para concretizar este entendimento a CNBB quer que o governo emita sinais de que está disposto a promover mudanças estruturais em alguns setores. E foi o secretário-geral da CNBB, Dom Celso Queiroz quem alertou sobre as mudanças.

"Muitas vezes — disse Dom Celso — o governo não muda porque não tem apoio social. Nós vivemos numa sociedade escravagista embora não seja este o momento de procurarmos bodes expiatórios, mas a hora de espiar nossas próprias faihas. A sociedade brasileira tem que mudar, não só o governo. O que nós precisamos agora é procurar os aspectos para esta mudança. É preciso que o governo dê alguns passos, não uma conversa de compadres, mas um diálogo aberto em torno de objetivos comuns. Se um governo quer se justificar perante o povo, ele tem que forçar estes passos, tem que emitir sinais".

Os sinais emitidos pelo governo, disse Dom Luciano, não estão sendo bem captados. "Quando o governo começa a emitir os sinais — enfatizou o bispo — as pessoas saem pela

JBR P.2 ANC

D. Luciano, presidente da CNBB

tangente. Não se trata de risco de uma convulsão social, mas a urgência de um mutirão de solidariedade para inverter o processo de desencanto popular em vista da retomada de decisões políticas para a efetivação de reformas estruturais. Devemos captar a capacidade de enfrentarmos com inteligência e solidariedade a construção de um Brasil para além das desigualdades sociais. A distribuição de renda e benefícios requer solidariedade para repartir o que já existe. Mais do que empréstimo, precisamos de partilha", completou Dom Luciano.

A conversa com o presidente Sarney foi motivo de reflexão para os bispos que integram a presidência da CNBB e os responsáveis pelas linhas de ação da Igreja. Todos eles repudiam a palavra "pacto". Dom Paulo Ponte, vice-presidente da entidade nega que tenha havido uma mudança de postura da CNBB em relação ao governo, observando entretanto que há necessidade de entendimento nacional. "Pacto

parece um negócio entre duas pessoas", afirmou Dom Paulo dizendo ainda que o entendimento é "uma coisa mais ampla, envolvendo toda uma sociedade".

Estratégia

Embora a audiência da última terça-feira tenha sido solicitada pela CNBB, a conversa com os bispos faz parte de uma estratégia que esta sendo seguida pelo presidente da República. Depois das tentativas de entendimento com os empresários, em 22 de março e com os representantes dos trabalhadores, em quatro de abril, quando Sarney não atingiu seu objetivo de sensibilizar estes dois segmentos, novos interlocutores foram procurados. Logo depois da reunião com os trabalhadores, o presidente procurou os intelectuais, através da Universidade de São Paulo, que promoveu um seminário com todas as universidades paulistas sobre a transição política e os limites da negociação.

Na quarta-feira, um dos bem informados assessores do presidente Sarney lembrava que o presidente continua buscando novos interlocutores em favor do pacto, mas se recusou a dizer quais segmentos seriam contactados. "Se anunciarmos, prejudica a conversa", disse o assessor, lembrando ainda que Sarney esgotará toda sua capacidade de negociação para promover o pacto que, na opinião do presidente, é a "única fórmula de se completar a transição democrática sem traumas".

E a CNBB que nos últimos 13 meses vinha mantendo retraimento em relação ao governo, retoma a linguagem do presidente Sarney, mas exige sinais de que pode haver mudanças. Sarney, informam seus assessores, "não quer impor fórmulas. Ele quer ouvir as propostas vindas da sociedade".